

JOSÉ LUÍS BRANDÃO  
FRANCISCO DE OLIVEIRA  
(COORD.)

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

HISTÓRIA DE

RO

MA

ANTIGA

VOLUME II

IMPÉRIO ROMANO  
DO OCIDENTE E  
ROMANIDADE  
HISPÂNICA



#### 4. GALBA, OTÃO E VITÉLIO: A CRISE E EXPERIÊNCIAS DE 68-69

**José Luís Brandão**

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

ORCID: 0000-0002-3383-2474

iosephus@fl.uc.pt

**Sumário:** A aclamação de Galba, governador da Hispânia Tarraconense. O principado de Galba e a influência dos seus satélites. A austeridade de Galba e o descontentamento dos exércitos. A aclamação de Vitélio pelos exércitos da Germânia. A adoção de Pisão como herdeiro de Galba, o golpe de Estado de Otão e morte de Galba no Foro. O principado de Otão e a guerra com Vitélio. A vitória deste e o seu avanço até Roma. A atuação de Vitélio e a aclamação de Vespasiano no Oriente. A guerra e a morte de Vitélio. O significado da crise.<sup>1</sup>

Entre o fim dos Júlio-Cláudios e a aclamação dos Flávios estende-se um período de 18 meses que vale a pena tratar aqui por implicar uma concentração de sucessivos imperadores com diversas motivações e políticas, bases de apoio diversas e descentralizadas e diferentes tentativas de definição da identidade do poder imperial.

A partir do momento em que Nero perdeu o apoio do senado, do povo, dos exércitos e dos pretorianos, estava aberto o caminho para a guerra civil que havia de se estender pelo ano e meio a seguir à morte do último representante da dinastia júlio-cláudia, em junho de 68 d.C.. Neste breve trecho, desfilaram em Roma quatro imperadores: Galba, Otão, Vitélio e, por fim, Vespasiano, o único que se impôs e deu início à dinastia dos Flávios. Por isso, o ano de 69 fica conhecido como “o ano dos quatro imperadores”, porque os abarcou a

---

<sup>1</sup>Trabalho realizado no âmbito do Projeto *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)*. (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

todos, incluindo os últimos dias de Galba e os primeiros de Vespasiano. O modelo de governo imperial sofre como que a primeira grande crise de identidade, pelo que parece necessitar de uma redefinição<sup>2</sup>.

## 1. A linha dura tradicional: Galba, um imperador aclamado na Hispânia

A revolta contra Nero tinha estalado na Gália, na Primavera de 68 d.C., com Vindex. Mas, se este governador da Gália Lugdunense, de ascendência gaulesa, não punha em risco o trono do filho de Agripina – por enquanto, a Urbe estava habituada a ter *principes* da mais pura nobreza romana –, quando Galba, a convite de Vindex, se aliou à revolta, a situação tornava-se mais séria: o velho general, que então governava a Hispânia, era oriundo de uma linhagem de distintos políticos do passado; tinha sido próximo da casa de Augusto, através do favor de Lívia; prestara grandes serviços e acumulara honras nos principados de Calígula e Cláudio; dera provas de possuir excepcionais dotes administrativos e rigor no governo das províncias; era um paladino dos costumes antigos – não fora a sua idade avançada e o facto de não ter filhos e encarnaria o príncipe ideal.

Foi cônsul, em 33, e governador da Aquitânia. Depois, colocado por Calígula à frente do exército da Germânia, em lugar de Getúlico, restabeleceu imediatamente a disciplina<sup>3</sup>. Durante o seu proconsulado de África, Galba procedeu com justiça e rigor<sup>4</sup>. Depois governou a Hispânia Tarraconense, com alguma indolência, talvez pela idade ou para não se tornar notado para Nero<sup>5</sup>.

Galba não hesita muito tempo e aceita a proposta de Vindex, alegando que interceptara cartas secretas de Nero com ordem de o liquidar (Suet. *Gal.* 9.2). Trata então do recrutamento de tropas, instituição de uma espécie de senado, seleção de um corpo de guarda entre jovens cavaleiros, expedição de éditos a pedir apoio às províncias<sup>6</sup>.

À revolta aderiu imediatamente M. Sálvio Otão, antigo companheiro de Nero, de carácter perdulário. Tendo embora sido enviado para a Lusitânia por Nero, no que era percebido como um exílio, aparentemente por razões passionais

---

<sup>2</sup> Como fontes principais para este período temos Suetónio, *Vidas de Galba, de Otão e de Vitélio*; Plutarco, *Vidas de Galba e Otão*, a parte sobrevivente das suas biografias de imperadores, a começar em Augusto e a terminar em Vitélio. Da historiografia antiga temos as *Histórias* de Tácito e a *História Romana* de Dión Cássio.

<sup>3</sup> Suetónio (*Gal.* 6.2) diz que logo se difundiu pelo acampamento o verso: *'disce miles militare: Galba est, non Gaetulicus'* ("Aprende, tropa, a andar na tropa: este é Galba, não Getúlico").

<sup>4</sup> Cf. Tac. *Hist.* 1.49.4.

<sup>5</sup> Cf. Suet. *Gal.* 9.1. Cf. D.C., 63.23; Plu. *Gal.* 4.1.

<sup>6</sup> Cf. Suet. *Gal.* 10.2-3.

relacionadas com Popeia Sabina, mas encapotado sob a aparência de promoção<sup>7</sup>, governou bem a província durante dez anos<sup>8</sup>.

Entretanto Vindex é derrotado por Virgínio Rufo, comandante da Germânia Superior, numa batalha talvez forçada pelos soldados, o que deixa Galba completamente desmoralizado e inclinado ao suicídio (Suet. *Gal.* 11). Porém, o movimento já estava em marcha: rapidamente a revolução atinge o coração do Império: os pretorianos abandonam Nero e o senado declara-o inimigo público, empurrando, assim, para o suicídio o último dos Júlio-Cláudios. E eis que Galba, reconhecido pelo senado, faz a sua caminhada triunfal para Roma, sob o lema da *libertas restituta* ‘a liberdade restituída’, depois da tirania de Nero<sup>9</sup>. A entrada em Roma é particularmente sangrenta, o que não augurava nada de bom<sup>10</sup>.

Com a mudança dos tempos, os velhos valores já não eram percebidos da mesma maneira. A proverbial parcimónia de Galba, elogiada por Tácito, leva-o a tomar, quando imperador, atitudes de contenção de despesas, como a revogação das liberalidades de Nero<sup>11</sup>, que, agravadas por incoerência e submissão, como diz Suetónio, aos caprichos dos agentes (Tito Vínio: senador, responsável pelas finanças; Cornélio Lacão: cavaleiro, prefeito do pretório, e Ícelo: um liberto)<sup>12</sup>, o tornam impopular<sup>13</sup>. A corrupção destes gerou injustiças em rendimentos e isenção de

---

<sup>7</sup> Porque Otão tinha sido apenas questor e a Lusitânia era por norma governada por antigos pretores.

<sup>8</sup> Cf. Suet. *Otho* 2.2-3.2; Tac. *Hist.* 1.13 e *Ann.* 13.46; Plu. *Gal.* 19-20. A revolta de Galba oferecia-lhe por assim dizer a oportunidade de vingança, como sugere Suetónio (*Otho* 4.1).

<sup>9</sup> Toma o título *Caesar* (cf. Suet. *Gal.* 11; D.C. 63.29.6) e põe-se a caminho de Roma, vestido com o manto do general e um punhal, pendurado ostensivamente ao pescoço e pendente sobre o peito, motivo de ridículo para Díon Cássio (64.3.4). Segundo Pouille (1997 243-252), Galba estaria a lembrar que o seu bisavô estivera entre os conjurados dos idos de Março (Suet. *Gal.* 3.2). Galba retoma a propaganda monetária dos assassinos de César: um *pileus* rodeado de dois punhais com a legenda *libertas restituta* (de facto, temos notícia de que, divulgada a morte de Nero, alguns festejaram-na colocando o *pileus*: cf. Suet. *Nero* 57.1)

<sup>10</sup> Perecem o prefeito do pretório Ninfídio Sabino, que tentou um novo golpe de estado: segundo Plutarco (*Gal.* 14-15), morto pelos soldados no campo pretoriano (enquanto Galba ordenou a morte dos aliados dele, Cingónio Varrão, cons. designado para 69, e de Mitridates do Ponto, rei cliente do Bósforo residente em Roma); o legado da Germânia, Fonteio Capitão, segundo o rumor, por não conseguirem persuadi-lo a revoltar-se contra Galba; o legado de África, Clódio Macro, que se revoltara contra Nero promovendo embargo de cereais – este por ordem directa de Galba (Tac. *Hist.* 1.7.1). Petrónio Turpiliano, cons. de 61, também viria a morrer por continuar leal a Nero (Tac. *Hist.* 1.6.1). Acresce o massacre, às portas da Urbe, de uns marinheiros que Nero tinha convertido em soldados e vinham reclamar a confirmação do novo estatuto. Perante a insistência destes, Galba mandou a cavalaria carregar sobre eles (Suet. *Gal.* 12.2). Por isso, Tácito (*Hist.* 1.37.3) e Plutarco (*Gal.* 15.6-8) sublinham o terror da entrada de Galba em Roma. Vide Morgan 2006 42-43.

<sup>11</sup> Cf. Plu. *Gal.* 16; Tácito, *Hist.* 1.20; Suet. *Gal.* 12-13; 15.1. Sobre as políticas de Galba, vide Sancery 1983 97-119.

<sup>12</sup> Suet. *Gal.* 14.2. Cf. Plu. *Gal.* 17.1; Tácito, *Hist.* 1.13.1. Vide Sancery 1983 121-124; Martin 1991 286-287.

<sup>13</sup> Suet. *Gal.* 14.1. Cf. Tácito, *Hist.* 1.7.2.

impostos e arbitrariedade em algumas execuções<sup>14</sup>. A ideia de que era um bom cidadão privado, mas mau imperador, vem expressa em Tácito (*Hist.* 1.49.4) de forma arguta e humorada: “era por consenso universal apto para o império, se não fosse imperador!”. Suetónio (*Gal.* 12.1) é mais negativo, pois considera-o essencialmente avaro e cruel. Mas foi muito prejudicial para Galba o facto de não atribuir aos soldados pretorianos o donativo que o prefeito do Pretório, Ninfídio Sabino, lhes tinha prometido, para os convencer a abandonarem Nero e prestarem o seu juramento a Galba, como se tornara habitual depois de Cláudio<sup>15</sup>.

Também o exército da Germânia Superior se agitava por se ver defraudado nas suas aspirações, depois de ter vencido Vindex, e por o seu popular comandante, Virgínio Rufo, ter sido substituído de modo pouco honroso (depois de haver recusado o cargo de imperador que os soldados lhe ofereciam). Rejeitavam, pois, um imperador eleito na Hispânia<sup>16</sup>. A revolta alastrou ao exército da Germânia Inferior, comandado por Aulo Vitélio, que, embora dado aos prazeres da comida e da bebida, era da mais ilustre cepa romana, sendo ele próprio próximo de Calígula, de Cláudio e de Nero<sup>17</sup>.

Pensava Galba que o problema era o facto de ser idoso e não ter filhos, pelo que tratou de adotar um jovem nobre, que seria o seu sucessor. A escolha de Galba recaiu sobre L. Calpúrnio Pisão Frúgi Liciniano, jovem ilustre que dava provas de grande elevação moral, mas pouco conhecido. A família fora duramente reprimida por Cláudio e por Nero. Ao fazer tal escolha Galba estaria a pensar no interesse do Estado, mas o exército preferia Otão. E este esperava vir a ser adotado, pelo que não se poupava a despesas para conciliar o favor dos pretorianos com generosos donativos. Ao desapontamento de Otão por ter sido preterido, associou-se o ressentimento dos pretorianos, por Galba nem sequer nessa altura, ao anunciar a adoção diante da parada, lhes conceder o donativo<sup>18</sup>.

Em poucos dias, como nota Plutarco, o golpe de estado foi perpetrado de uma forma aparentemente temerária: era de tal modo reduzido o número de soldados que aclamaram primeiramente Otão no Foro, que o próprio acreditava que estava

---

<sup>14</sup> Com castigo de inocentes e, em contrapartida, impunidade para certos agentes de Nero, contra o parecer do povo romano, como o eunuco Haloto e Tigelino, prefeito do pretório de Nero desde 62. Cf. Suet. *Gal.* 15.2; Plu. *Gal.* 17.4-7. Suetónio apresenta a versão mais desfavorável, porque silencia o aplauso do povo pela eliminação dos agentes de Nero: Hélio, Policlito; Petino; Patróbio; Locusta e outros, referidos em Plu. *Gal.* 17.2-3 e D.C. 63.3.4. Vide Morgan 2006 45-46.

<sup>15</sup> Galba replica que “costuma recrutar e não comprar os soldados”. O célebre dito é transmitido pelas várias fontes: Plu. *Gal.* 18.4; Tac. *Hist.* 1.5.2 e Suet. *Gal.* 16.1. Ninfídio Sabino tinha-lhes prometido um donativo elevado. Cf. Plu. *Gal.* 2.1-2 e 8.2.

<sup>16</sup> Cf. Plu. *Gal.* 18.7-9; Suet. *Gal.* 16.2. Segundo Tácito (*Hist.* 1.12.1), as legiões da Germânia Superior entregavam a eleição ao senado e ao povo romano, para atenuarem o carácter insurreccional do movimento.

<sup>17</sup> Cf. Tac. *Hist.* 1.55-57; Plu. *Gal.* 22; Suet. *Vit.* 8.1-2. Sobre os relatos da aclamação, vide Venini 1974 997-2000; Venini 1977 118-119; Sancery 1983 137-145; Martin 1991 229-230.

<sup>18</sup> Cf. Plu. *Gal.* 23; Tac. *Hist.* 1.18; Suet. *Gal.* 17; *Orho* 5.

perdido. Mas, no caminho, outros se lhes juntaram e, uma vez no quartelamento, a generalidade dos soldados foi-se aliando por inércia, por medo ou por convicção<sup>19</sup>. Nesse mesmo dia, 15 de janeiro de 69 d.C., Galba e Pisão foram assassinados e decapitados no Foro e, com eles, outros apoiantes: entre estes Vínio, Lacão e Ícelo<sup>20</sup>. Afinal o tiranicida libertador também se transformara em tirano, segundo as fontes, por causa dos que o rodeavam e da condição dos tempos, que eram outros<sup>21</sup>.

## 2. A linha moderada: Otão, um imperador dos pretorianos

O novo príncipe, garantindo no senado que fora como que raptado na rua e forçado a assumir o *imperium*, mas que o governaria de acordo com o arbítrio de todos<sup>22</sup>, conseguiu granjear o favor daquele órgão<sup>23</sup> e do povo ao castigar Tigelino<sup>24</sup>, o prefeito do pretório culpado de muitas atrocidades durante o principado de Nero, e ao proceder com moderação e justiça. Ao mesmo tempo, terá empreendido uma política conciliatória: não recusou o nome de Nero com que a plebe o apelidou e até o terá usado em salvo-condutos e cartas<sup>25</sup>; não se opôs à reposição das estátuas daquele imperador, restabeleceu os seus *procuratores* e libertos<sup>26</sup> e promoveu a conclusão da *Domus Aurea*<sup>27</sup>. Mas, por outro

---

<sup>19</sup> Plu. *Gal.* 25.1-6; Tac. *Hist.* 27; Suet. *Otho* 6.3.

<sup>20</sup> Vínio talvez estivesse implicado na conspiração, como terá alegado em vão perante os algozes. Plu. *Gal.* 27; Tac. *Hist.* 1.41-43 e 46; Suet. *Gal.* 20. Vide Sancery 1983 157-169; Morgan 2006 57-63; Brandão 2010 39-46.

<sup>21</sup> Plutarco (*Gal.* 29.4-5) expressa admiração por este homem cuja virtude entrara em desuso: “Daí que, na intenção não de tomar os afazeres do governo em seu proveito, mas antes de se entregar a si próprio aos afazeres, pensava comandar os homens domesticados por Tigelino e Ninfidio, como Cipião, Fabrício e Camilo tinham comandado os Romanos de antanho. E, apesar de debilitado pela velhice, até nas armas e nos exércitos ele era um imperador íntegro e à moda antiga”.

<sup>22</sup> *Otho* 7.1. Em D.C. 64.8, Otão diz, no seu discurso ao senado, que correria perigo de vida, se se opusesse aos soldados.

<sup>23</sup> Plutarco (*Gal.* 28.1-2) assinala a volubilidade do órgão: “O senado imediatamente aplaudiu, e, como se tivessem transformado noutros, ou os deuses tivessem mudado, reuniam-se para prestar a Otão o juramento, que ele próprio tinha prestado (a Galba), sem o ter observado. E proclamavam-no César e Augusto, ainda os cadáveres decapitados jaziam nas suas roupas consulares no Foro.” Ideia semelhante em Tac. *Hist.* 1.47.1.

<sup>24</sup> Cf. Plu. *Oth.* 2; Tac. *Hist.* 1.72.3.

<sup>25</sup> Informação de Clúvio Rufo (governador da Hispânia depois de Galba), segundo Plu. *Oth.* 3.2. Plutarco acrescenta que Otão renunciou a esta prática ao ver o descontentamento que gerava. Talvez fosse um boato posto a circular pelos opositores para o inibir de cometer exageros: vide Morgan 2006 99.

<sup>26</sup> Provavelmente por necessidade, pois não poderia confiar nos governadores de Galba, numa altura em que as posições das províncias se extremavam entre ele e Vitélio: cf. Tac. *Hist.* 1.76. Este autor salienta a celebração da aclamação de Otão por parte de um liberto de Nero. Vide Murison 1992 110-111.

<sup>27</sup> Suet. *Otho* 7.2. Cf. Tac. *Hist.* 1.78.2; Plu. *Oth.* 3.1-2.

lado, adotou um estilo de vida austero que o próprio Tácito, apesar de não ser benevolente com ele, reconhece<sup>28</sup>.

O clima de insegurança era perpetuado pelos próprios soldados pretorianos que quase levaram a cabo uma matança de senadores, num banquete no palácio, a pretexto de que estes conspiravam contra o novo imperador. Foi o próprio Otão que a custo os protegeu<sup>29</sup>. Paralelamente, havia o problema de Vitélio, entretanto também aclamado na Germânia. Foram enviadas cartas conciliadoras, mas, como não foi possível um acordo entre as duas partes, a guerra estava de novo no horizonte<sup>30</sup>.

Os exércitos encontraram-se no norte de Itália e a batalha principal deu-se em Betríaco, pequena cidade perto de Cremona. Embora as circunstâncias aconselhassem a esperar, Otão, incapaz de suportar por mais tempo um desfecho, ou pressionado pelos soldados, que desejavam travar combate e regressar a Roma, ordenou o ataque, enquanto ele próprio se retirava para Brixelo com um poderoso contingente militar, cometendo assim mais um erro ao retirar aos soldados a motivação da sua presença. A batalha, embora desfavorável para Otão, ocorreu de forma difícil de esclarecer e os relatos divergiam, pelo que o resultado não se apresentava definitivo. Além disso, estavam a caminho tropas da Mésia. Mas Otão tomou uma decisão que havia de ser considerada pelas fontes a mais nobre da sua vida: decidiu sacrificar-se em prol do Estado, para que não houvesse mais guerra civil por sua causa. Considerava que, vivo, não seria tão útil à *res publica* como seria a sua morte, geradora de concórdia. E, depois de tratar da salvaguarda dos senadores e amigos que com ele estavam, suicidou-se, trespassando o peito com um punhal. O seu funeral torna patente a devoção dos soldados com manifestações efusivas de pesar, incluindo suicídios<sup>31</sup>. As várias fontes estão de acordo sobre a nobreza da morte, em contraste com a vida. Suetónio é quem demonstra maior admiração, para o que não seria alheio o facto de o pai do biógrafo ter sido tribuno angusticlavo no exército de Otão<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup> Tac. *Hist.* 1.71.1. Suetónio silencia os outros factos, mesmo os favoráveis a Otão, como o castigo de Tigelino (*Hist.* 1.72.3. Wellesley (2000 60) nota que a conexão com Nero tornou Otão politicamente suspeito, apesar da moderação que adotava de momento. Vide Morgan 2006 95.

<sup>29</sup> Cf. Plu. *Oth.* 3.3-13; Tac. *Hist.* 1.80-85; Suet. *Otho* 8.2.

<sup>30</sup> Suet. *Otho* 8.1. Cf. Plu. *Oth.* 4.4-6; Tac. *Hist.* 1.74.1; D.C. 64.10.1. Suetónio refere até a oferta de Otão a Vitélio de uma aliança através do casamento com a filha do último.

<sup>31</sup> Cf. Suet. *Otho* 9-12; Plu. *Oth.* 15-18; Tac. *Hist.* 2.46-50; D.C. 64.11-15. Vide Martin 1991 364-367; Harris 1962-63 73-77; Gascou 1984 295-316.

<sup>32</sup> Como observa Gascou (1984 311-312), Suetónio (*Otho* 12) não partilha a severidade dos outros autores em relação à vida de Otão: apenas opõe o modo de vida efeminado a uma morte viril; Tácito (*Hist.* 2.50.1) contrasta a morte digna de Otão com o infame assassinio de Galba; Plutarco (*Oth.* 18.3) diz que não viveu mais honestamente que Nero, mas morreu mais nobremente; Díon Cássio (64.15.2) opõe a morte à impiedade e perversidade de Otão, uma morte ótima a uma vida péssima. Suetónio (*Otho* 12.2) vai ao ponto de justificar a morte de Galba pelo desejo de restituir a *res p. ac libertas* ao povo romano. Para uma análise das razões e do significado do suicídio de Otão, vide Morgan 2006 139-146.

Os senadores que estavam em Mútina ficaram longo tempo indecisos e receosos e recuaram para Bonónia antes de tomarem qualquer decisão, até que receberam, por Valente, a confirmação da derrota e suicídio de Otão. A partir daí, decidiram conceder a Vitélio todas as honras que os imperadores tinham acumulado.

### 3. Vitélio: imperador imposto pelos exércitos da Germânia

Vitélio tivera o favor de Calígula, Cláudio e Nero, por, segundo diz Suetónio, favorecer os vícios destes<sup>33</sup>. A gula é o seu principal defeito, bem realçado na biografia de Suetónio<sup>34</sup>. Contra todas as expectativas, Galba, talvez com a conivência de Tito Vínio, enviara-o para a Germânia Inferior mais por desprezo que por favor: porque, dizia, os homens menos perigosos são os que só pensam em comer; e com a abundância da província podia satisfazer a sua gula insaciável<sup>35</sup>. Dado o seu carácter afável, foi recebido com entusiasmo por um exército já desejoso de revolta<sup>36</sup>, e, como se disse atrás, foi aclamado, no movimento de reação à aclamação de Galba<sup>37</sup>. Tomou o cognome de Germânico, adiou o de Augusto e recusou para sempre o de César, assinalando um corte com os Júlio-Cláudios<sup>38</sup>. De facto, Vitélio demonstra intenção de fundar uma dinastia através dos filhos<sup>39</sup>. E foi o primeiro imperador que não buscou o reconhecimento do senado em Roma.

Impressionou as fontes a sua caminhada para a Urbe com os seus exércitos indisciplinados, acompanhada de pilhagens, rixas entre legionários e tropas auxiliares e banquetes do imperador<sup>40</sup>. Quando chega ao campo de Betríaco,

---

<sup>33</sup> O favor de Gaio pela comum paixão pelas corridas do circo; o de Cláudio, pela paixão pelo jogo dos dados; o de Nero, pelas mesmas paixões e porque, ao presidir aos jogos Neronianos, juntara os seus rogos aos do povo para que o imperador participasse no concurso dos citaredos — o que Nero desejava, mas se não atrevia a fazer: cf Suet. *Vit.* 4.

<sup>34</sup> Para este período não podemos contar com o testemunho de Plutarco, pois a *Vida de Vitélio* perdeu-se, tal como as suas restantes *Vidas dos Césares* de Augusto a Nero.

<sup>35</sup> Suet. *Vit.* 7.1.

<sup>36</sup> Particularmente os comandantes da Germânia Inferior, Fábio Valente, e da Germânia Superior, Alieno Cécina, que tinham razões de queixa de Galba. Cf. Tac. *Hist.* 1.56.

<sup>37</sup> Greenhalgh (1975 115-115) procura entrever os méritos que, apesar da hostilidade das fontes, ele possuiria para ter sido aclamado pelas duas Germânicas, apenas um mês depois de chegar, graças à sua integridade e firmeza na abolição das práticas corruptas no exército.

<sup>38</sup> Suet. *Vit.* 8.2. Cf. Tac. *Hist.* 1.62.3 e 2.62.2. Vide Greenhalgh 1975 117-118; Murison 1992 152. Terá adiado o título de Augusto devido às suas intenções dinásticas (apesar de declarar a sua mãe Augusta e de ser admirador de Nero), ou talvez esta ideia fosse criada por retroprojeção pelo facto de aceitar o título por pressão popular. Para Morgan (2006 149) as contradições resultam das indecisões e incongruências do próprio Vitélio.

<sup>39</sup> Nomeou o filho de 6 anos herdeiro e casou a filha com Décimo Valério Asiático, governador da Bélgica.

<sup>40</sup> Cf. Suet. *Vit.* 9; Tac. *Hist.* 1.61ss.

cerca de 40 dias depois da batalha, profere, segundo Suetónio, palavras ímpias e insolentes sobre os mortos e a memória de Otão. Vejamos a viva descrição, reveladora dos excessos da guerra civil (*Vit.* 10.3):

Quando chegou aos campos onde se travara o combate, ousou encorajar os que se afastavam dos cadáveres em decomposição com estas palavras abomináveis: ‘Muito bem cheira um inimigo morto, e ainda melhor se for um concidadão’. E, facto não menos grave, para suavizar a violência do odor, bebeu bastante vinho puro, à vista de todos, e distribuiu-o em redor. Com a mesma jactância e insolência, ao olhar a lápide escrita à memória de Otão, disse que ‘ele era digno de tal mausoléu’; e o punhal com que o antecessor se tinha matado, enviou-o para Colónia Agripinense, para ser dedicado a Marte. E no cume dos Apeninos celebrou mesmo uma vigília.<sup>41</sup>

Depois assiste aos espetáculos oferecidos pelos seus dois generais rivais: Cécina, em Cremona, e Valente, em Bonónia<sup>42</sup>. A caminhada até Roma continua marcada por conflitos, desta vez entre a imensa horda de soldados e civis provocadores, e a entrada na Urbe foi uma parada militar impressionante<sup>43</sup>, marcada, segundo Suetónio (*Vit.* 11), por falta de moderação<sup>44</sup>.

Quanto ao principado, ainda é mais difícil de caracterizar que o de Galba e Otão, como nota Morgan (2006 148). O governo de Vitélio fora iniciado, ainda na Gália, com medidas louváveis: segundo Suetónio (*Vit.* 10.1), licenciou as coortes pretorianas<sup>45</sup>, pelo seu péssimo exemplo (subentende-se a traição a Nero e a Galba), e condenou à morte os que tinham pedido a Otão uma recompensa por terem participado na morte de Galba. Diz o biógrafo que “procedia com nobreza, no fim de contas, e com grandeza, ao ponto de criar até a esperança num eminente príncipe, se, quanto ao resto, não agisse mais segundo a natureza e a vida anterior que segundo a majestade do império”. Tácito (*Hist.* 2.62) acrescenta, como ações positivas, que expulsou os astrólogos e proibiu a participação de cavaleiros em combates de gladiadores, degradantes para a ordem<sup>46</sup>.

Já em Roma, terá oferecido no campo de Marte um sacrifício aos Manes de Nero, para que, no entender de Suetónio, não houvesse dúvidas sobre o modelo

---

<sup>41</sup> Cf. Tac. *Hist.* 2.70. Tácito descreve a cena macabra sem mencionar as palavras ímpias, embora note o contraste entre atitude dos que choravam e a atitude prazenteira do imperador. Vide Morgan 2006 157.

<sup>42</sup> Cf. Suet. *Vit.* 9-10; Tac. *Hist.* 2.68-71.

<sup>43</sup> Cf. Tac. *Hist.* 2.88-89.

<sup>44</sup> Segundo o biógrafo, levavam as armas à vista. Mas uma versão mais próxima da legalidade é apresentada em Tácito (*Hist.* 2.89.1): Vitélio, que se dispunha a entrar na cidade em traje militar, deixa-se convencer pelos amigos a vestir a toga *praetexta*, e os oficiais levam uma veste branca, enquanto em Suetónio envergam o *sagum*, hábito de guerra contraposto à toga. Vide Venini 1977 125-126.

<sup>45</sup> Segundo Tácito (*Hist.* 2.67.2), o licenciamento deu-se por fases.

<sup>46</sup> Os astrólogos fomentavam problemas dinásticos com as suas previsões. Vide Morgan 2006 152.

do seu governo, o que agradava ao povo simples mas não à aristocracia<sup>47</sup>, e pediu a um citaredo que, num banquete solene, cantasse uma composição da autoria daquele imperador.

Suetónio, nítido admirador de Otão, exagera os defeitos de Vitélio. Diz (*Vit.* 12.1) que este administrou o império segundo a vontade dos mais vis histriões e aurigas e sobretudo do liberto Asiático, mas parece haver exagero<sup>48</sup>. Na verdade, Vitélio até entregou aos cavaleiros as secretarias que antes eram confiadas a libertos<sup>49</sup>. Um dos problemas é que, enquanto imperador, era uma criação das legiões da Germânia (como nota Murison 1992 153), pelo que acabava por obsequiar estes soldados e dispersar os de Otão, o que criava conflitos e indisciplina. Para Tácito, as transferências que fez, através dos seus generais, enfraqueceram as suas legiões, a cavalaria e os pretorianos, com efeitos negativos para o próprio<sup>50</sup>.

Segundo Suetónio, os vícios principais são a sumptuosidade (*luxuria*) e a crueldade (*saevitia*)<sup>51</sup>. A sumptuosidade concretiza-se na gula. Criticava-se o hábito de fazer um banquete de cada uma das refeições do dia e de recorrer ao vômito para aguentar<sup>52</sup>. Salientam-se avultados gastos com pratos enormes e requintados, tal o refinamento das iguarias vindas dos extremos do império e de fora dele e através dos meios do Estado<sup>53</sup>. Para Tácito o banquete era o caminho mais rápido para chegar ao imperador (*Hist.* 2.95). Mas há aqui muito de estereótipo.

Quanto à crueldade, soa a exagero a sentença de Suetónio de que é exercida contra quem quer que seja e a qualquer pretexto<sup>54</sup>. Sabe-se que até poupou inimigos<sup>55</sup>, pelo que se tratará mais de fama resultante de generalizações. Só se conhecem duas vítimas ilustres: Cornélio Dolabela, ligado a Galba e marido da primeira mulher de Vitélio, que parece estar envolvido em traição (*Tac. Hist.* 2.63-64), e Júnio Bleso, governador da Gália Narbonense (*Tac. Hist.* 2.38-39)<sup>56</sup>.

---

<sup>47</sup> Suet. *Vit.* 11.2. Cf. D.C. 65.7.3. Tácito (*Hist.* 2.95.1) fala de altares e sacrifícios, mas não integra o facto num programa de governo.

<sup>48</sup> Baseado na admiração que o imperador nutria por histriões e aurigas, o que levava a que viessem ao seu encontro quando ia a caminho de Roma: cf. *Tac. Hist.* 2.87. Mas a corrupção de Asiático é denunciada também em Tácito: *Tac.* 2.95.2. Vide Murison 1992 158-159; Venini 1977 128.

<sup>49</sup> Cf. *Tac. Hist.* 1.58.1. Vide Greenhalgh 1975 119-120.

<sup>50</sup> Cf. *Tac. Hist.* 2.94.

<sup>51</sup> *Vit.* 13.1.

<sup>52</sup> Cf. D.C. 65.4.3.

<sup>53</sup> *Vit.* 13.2-3. Cf. Plin. *Nat.* 35.163ss; D.C: 65.3.

<sup>54</sup> *Vit.* 14.1: *Pronus uero ad cuiuscumque et quacumque de causa necem atque supplicium* Parece ser uma forma de o conotar com estereótipos de Nero, cf. *Nero* 37.1: *Nullus posthac adhibitus dilectus aut modus interimendi quoscumque libuisset quacumque de causa.*

<sup>55</sup> Díon Cássio (66.6.2) nota que suprimiu reduzido número de otonianos.

<sup>56</sup> Embora neste caso seja incerto se havia indício de conjura. Vide Murison 1992 162-163; Greenhalgh 1975 120-122.

As notícias de requintes de malvadez (a um doente que, durante um acesso de febre, lhe pedia água, o próprio Vitélio deu veneno num copo de água fria; e de que, a outra vítima, depois de a condenar, manda reconduzi-la de novo à sua presença e, quando todos celebravam já a sua clemência, ordena que a matem à sua frente, porque, de acordo com a sua gula, “queria dar alimento aos olhos”) parecem sugerir, por comparação com Tácito, a utilização para diversas vítimas de elementos da mesma narrativa da morte de Júnio Bleso<sup>57</sup>.

Mas, no Oriente, as tropas e o prefeito do Egito (Tibério Alexandre) aclamaram Vespasiano, que antes se tinha mostrado favorável a Otão. De novo se prepara uma luta titânica entre os exércitos do Este e Oeste<sup>58</sup>. eclodiu de novo a guerra e, depois do avanço de António Primo (comandante da Panónia) sobre Roma e de uma feroz luta nas ruas da cidade, Vitélio é linchado no Foro de forma aviltante, perante os insultos da multidão, em dezembro de 69 d.C.<sup>59</sup>. Pelo meio ficou um terrível saque de Cremona, depois da segunda batalha de Betríaco, e o incêndio do Capitólio, onde os apoiantes e Vespasiano em Roma (entre os quais estavam o irmão deste, Flávio Sabino, que era o prefeito da cidade, e Domiciano, o filho mais novo de Vespasiano) se tinham fortificado. A estabilidade viria com a dinastia dos Flávios (Suet. *Vesp.* 8.1), que se finaria em 96 com o assassinio de Domiciano. Mas esse será o assunto do próximo capítulo deste volume.

### Conclusão: o significado da crise

Um período tão terrível, e ainda relativamente próximo da altura em que Plutarco, Tácito e Suetónio relatavam os factos, provocou transformações que levarão estes autores a interrogarem-se sobre as razões da crise e a natureza das mudanças. No primeiro capítulo da *Vida de Galba*, Plutarco atribui, antes de mais, as culpas da situação aos impulsos irracionais dos soldados, que põem à prova o carácter dos generais, à sua avidez desenfreada, e à falta de bons líderes capazes de imporem a necessária disciplina<sup>60</sup>. Como resultado, os imperadores são comparados por Plutarco a tiranos cénicos que se sucedem no palco como atores.

Para o religioso Suetónio, a par do carácter das personagens históricas, a tónica é colocada no fim de um ciclo, bem delimitado pelo destino, como o

---

<sup>57</sup> Suet. *Vit.* 14.1-2. Cf. Tac. *Hist.* 3.39.1. Murison 1992 162-163. Do mesmo modo não se pode dar crédito à notícia de que manda executar uns homens da plebe por terem caluniado a facção azul nas corridas (*Vit.* 14.3). Soa a decalque de Calígula, que se ofende por a plebe apoiar outra equipa (Suet. *Cal.* 30.2).

<sup>58</sup> Como nota Greenhalgh 1975 123.

<sup>59</sup> Cf. Suet. *Vit.* 17.1-2; Tac. *Hist.* 3.84.5-85; D.C. 65.21.2). Tácito censura a volubilidade da multidão, que antes o aplaudia e agora o vilipendiava. Vide Cizek 1975 125-130; Martin 1991 380-385; Murison 1992 173; Brandão 2015 71-84.

<sup>60</sup> Vide Scuderi 1995 405-406; De Blois 2008 6 ss..

será, depois, o tempo da dinastia dos Flávios, determinado logo no início da *Vida de Vespasiano* (Ves. 1). Este autor começa precisamente a *Vida de Galba* com a queda da casa dos Césares (da *progenies Caesarum*, e não apenas de Nero), prevista desde o princípio e anunciada com evidentes sinais (*signa euidentissima*)<sup>61</sup>. Através destes sinais sagrados, o biógrafo latino salienta o tremendo impacto psicológico que o fim da linhagem de Augusto teve sobre os Romanos<sup>62</sup>. Além disso, acrescenta que o templo dos Césares foi atingido por um raio (*tacta de caelo*) e o cetro foi arrebatado das mãos de Augusto, evento cujo simbolismo é evidente. Acabado o tempo que os deuses destinaram a esta dinastia, havia que começar de novo. Suetônio vai multiplicar os presságios, que, na *Vida de Galba*, são particularmente numerosos. Um papel importante será atribuído à Fortuna, cujo favor garante a ascensão de Galba<sup>63</sup> enquanto o desfavor lhe provoca a queda<sup>64</sup>, sendo ambas as situações anunciadas através de sonhos.

Para o historiador Tácito, os conflitos surgiam devido a tensões sociais e à condição dos tempos, a sentimentos diversos nos vários setores da sociedade romana. Entre as legiões e seus comandantes, foi revelado um segredo do império - “o *princeps* podia ser aclamado em outro lado que não em Roma” (*Hist.* 1.4.2) – abriu-se assim uma brecha no sistema que tornava o império frágil, pois facultava o caminho a usurpadores. Está, pois, em causa a investidura imperial<sup>65</sup>. Mas a oposição passado/presente, em termos de degeneração, é um fator determinante para o historiador: constata que, na cidade, os pretorianos já não suportam a austeridade de Galba e desprezavam a antiga disciplina, habituados aos vícios de Nero (*Hist.* 1.5.2).

Trata-se sobretudo das consequências do extinguir de uma dinastia cuja autoridade segurava a construção e equilibrava as forças. Com a morte de Nero, vieram ao de cima tensões representadas pelo senado, pelas províncias, pelos exércitos, pelos soldados pretorianos. O senado perde peso. Se Galba e Otão se preocupam em ser legitimados pelo senado (e Galba até criou uma “imitação”

---

<sup>61</sup> Recuando ao momento da fusão dos Júlios com os Cláudios, pelo casamento de Augusto e Lívia, Suetônio conta a história da galinha branca que uma águia (ave associada ao poder supremo) deixou cair no regaço de Lívia com um ramo de louro no bico. A galinha, matriarca de vasta prole de galináceos, trazia um ramo de louro no bico, que, depois de plantado, ficou ligado à família júlio-cláudia. Os ramos, retirados para as cerimónias dos triunfos, eram plantados de novo no lugar. De cada vez que morria um imperador secavam as pernadas que tinha plantado. Verificou-se que, no último ano de Nero, secou toda a moita e morreram todas as galinhas – diz Suetônio, exagerando: afirmação desautorizada por Plínio, *Nat.* 15.136-137, onde consta que são os harúspices que aconselham Lívia a preservar a galinha e a sua descendência e a cuidar religiosamente do ramo. Vide Flory 1988-1989 343-356; Murison 1992 26-27.

<sup>62</sup> Como nota Flory 1988-1989 347.

<sup>63</sup> Cf. Suet. *Gal.* 4.3; D.C. 54.1.2. Durante o Principado, a Fortuna é, com a Vitória, um preeminente atributo da casa imperial; vide Murison 1992 35.

<sup>64</sup> Suet. *Gal.* 18.2.

<sup>65</sup> Vide Scuderi 1995 405; Schettino 2005 354-355.

de senado na Hispânia), Vitélio já não procura tal ratificação. E Vespasiano irá institucionalizar o seu poder com uma lei, embora não saibamos bem se a *lex de imperio* já era habitual para os imperadores anteriores<sup>66</sup>. Por seu turno, o órgão mostra-se servil para com os sucessivos imperadores cedendo simplesmente aos vencedores. Aclama Otão ainda com os cadáveres dos senadores no foro, como diz Plutarco. Depois, os senadores que acompanhavam Otão no norte de Itália, ficam hesitantes e receosos na certeza do desfecho, até que outorgam a Vitélio todos os poderes dos antecessores, e o mesmo fazem depois com Vespasiano. De qualquer modo, não houve tentativas de retorno à República; já se não põe em causa o regime imperial.

Os exércitos provinciais passam a ser uma preocupação maior. A aclamação pelas legiões passa a ter um papel importante<sup>67</sup>. Se é verdade que houve tentativas anteriores, estas agora tiveram êxito e criaram um precedente. As províncias parecem querer fazer ouvir a sua voz e participar mais na política central; revelam-se tensões entre forças militares (pretorianos; soldados regulares; marinheiros; tropas auxiliares), entre províncias e entre Oriente e Ocidente. Mas não se punha em causa a unidade do império.

A escolha de Pisão por adoção, apesar de fatídica para o próprio e para elementos da sua família, faz Tácito (*Hist.* 1.15-16) colocar na boca de Galba um discurso sobre a vantagem da escolha do melhor, mas fora da própria família, algo de semelhante ao que Nerva será forçado a fazer mais tarde, depois do assassinato de Domiciano em 96. Vitélio e Vespasiano preferem a linha hereditária, porque a questão é se há filhos de sangue ou não.

Esta crise trouxe sobretudo modificações determinantes nas marcas identitárias da pessoa do imperador. A antiga aristocracia republicana, anterior a Augusto, representada por Galba e por Pisão (o herdeiro escolhido), não logra os seus intentos: Galba é um homem do passado, pela família e pela forma como pretende aplicar as virtudes romanas. Otão e Vitélio, membros da Aristocracia que singrou a partir de Augusto, também não obtêm melhores resultados: tornou-se claro que a árvore genealógica já não é o principal critério para fazer imperadores. Nos antípodas de Galba, que expôs a sua árvore genealógica no átrio, fazendo remontar a família a Pasífae<sup>68</sup>, Vespasiano não só não tinha antepassados ilustres, como se mostrava orgulhoso das suas origens humildes<sup>69</sup>, certamente porque seria uma forma de exaltar o seu mérito pessoal<sup>70</sup>. Mas, sendo de família equestre, representa uma revolução social no acesso ao

---

<sup>66</sup> Sobre este assunto, vide, a seguir, cap. 5, Rodrigues § 1.1.

<sup>67</sup> Sancery 1983 171-176; Vide Morgan 2006 263-267; Moatti 2008 265-266.

<sup>68</sup> E não se tratará de uma efabulação dele próprio, mas provavelmente de documentos recolhidos dos arquivos de família da época republicana.

<sup>69</sup> Cf. Suet. *Vés.* 1.1; 2.1.

<sup>70</sup> Vide Morgan 2006 262-263.

poder supremo, com a ascensão de uma espécie de burguesia<sup>71</sup>. E sendo de origem sabina, Vespasiano abria caminho para a aclamação de imperadores oriundos de outras regiões.

## Tábua cronológica

Junho de 68 – Reconhecimento de Galba como imperador; suicídio de Nero

Janeiro de 69 – Aclamação de Vitélio pelas legiões das Germânia

– Aclamação de Otão pelos pretorianos

– Morte de Galba no Foro

– Reconhecimento de Otão pelo senado

Abril de 69 - Derrota de Otão na batalha de Betrácio

– Suicídio de Otão

Junho de 69 – Vespasiano é aclamado imperador pelas tropas do Oriente

Dezembro de 69 – Vitélio é morto no Foro Romano

– Vespasiano é declarado imperador pelo senado

## Bibliografia

Bassols de Climent, M. (1970), *C. Suetonio Tranquilo. Vida de los Doce Césares*. (vol. IV). Texto revisado y traducido. Barcelona, Alma Mater.

Braithwaite, A. W. (1927), *C. Suetoni Tranquilli Diius Vespasianus*. Edited with introduction and commentary. Oxford, Clarendon Press.

Brandão, J. L. (2012), *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas. Coleção de autores gregos e latinos. Coimbra, IU; S. Paulo, Annablume.

\_\_\_\_\_. (2015), “Páginas de Suetônio: a morte ignóbil de Vitélio”, *Boletim de Estudos Clássicos* 60 71-84.

\_\_\_\_\_. (2009), *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra, CECH-Clássica Digitalia.

\_\_\_\_\_. (2010), “Galba e Otão: duas perspectivas biográficas”, *Cadmo* 20 543-560.

\_\_\_\_\_. (2010), “Páginas de Suetônio: a morte de Galba”, *Boletim de Estudos Clássicos* 53 39-46.

Cesa, M. (2000), *Suetonio. Vita di Vespasiano*. Bologna, Cappelli.

Cizek, E. (1975), “La mort de Vitellius dans les *Vies des douze Césars* de Suétone”, *REA* 77 125-130.

De Blois, L. (2008), “Soldiers and leaders in Plutarch’s *Galba* and *Otho*” in H. M. Shellenberg – V. E. Hirschmann – A. Kriechhaus, eds *A Roman Miscellany. Essays in honor of Anthony R. Birley on his seventieth birthday*. Gdansk 5-13.

Flacelière, R. – Chambry, E. (1979), *Plutarque, Vies*, tome XV. Texte établi et traduit. Paris, Les Belles Lettres.

Flory, M. B. (1988-1989), “Octavian and the omen of the *gallina alba*”, *CJ* 84 343-356.

Gascou, J. (1984), *Suétone historien*. Paris, Editions de Boccard.

Giua, M. A. (1990), “Aspetti della biografia latina del primo impero”, *RSI* 12 535-559.

<sup>71</sup> Diz Suetônio (*Vés*. 4.3) que teve de dedicar-se ao tráfico (*ad mangonicos quaestus*) de animais, como sugere a alcunha de *mulio*, para poder manter a quantia que exigia o censo senatório. O expediente parece contraditório com a *dignitas* que pretende manter, pelo que deve ter sido posto a circular pelos opositores, mas seria certamente rentável. Vide Levick 1999 24. De facto Suetônio (*Vés*. 2.2) também diz que Vespasiano desdenha muito tempo o cargo de senador; e Jones & Milns (2002 44) sugerem que Vespasiano se atrasa em querer tal *status* por interesses materiais.

- Godolphin, F. R. B., (1935), "The source of Plutarch's thesis in the Lives of Galba and Otho", *AJPh* 56 324-328.
- Greenhalgh, P. A. L. (1975), *The Year of the Four Emperors*. London, Weidenfeld and Nicolson.
- Harris, B. F. (1962-63), "Tacitus on the death of Otho", *CJ* 58 73-77.
- Hershbll, J. P. (1997), "Plutarch's concept of history: philosophy from examples", *AnSoc* 28 225-243.
- Ihm, M. (1908), *C. Suetoni Tranquilli Opera*, I : *De Vita Caesarum: libri VIII*, editio minor. Stuttgart et Lipsiae, Teubner (usada a reimpr. de 1993).
- Jones, B. – Milns, R. (2002), *Suetonius: the Flavian emperors, a historical commentary*. London, Bristol Classical Press.
- Koestermann, E. (1969), P. *Cornelii Taciti libri qui supersunt*, tom. II, fasc. I: *Historiarum libri*. Lipsiae, Teubner.
- Levick, B. (1999), *Vespasian*. London / New York, Routledge.
- Little, D. – Ehrhardt, Chr. (1994), *Plutarch, Lives of Galba & Otho*. Translation and commentary. London, Bristol Classical Press.
- Martin, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*. Paris, Les Belles Lettres.
- Moatti, C. (2008), *Storia romana. Dalle origine alla tarda antichità*. Roma, Carocci editore.
- Morgan, G. (2006), *69 A.D. The year of Four Emperors*. Oxford, OUP.
- Murison, Ch. L. (1992), *Suetonius Galba, Otho, Vitellius*. Edited with introduction and notes, London, Bristol Classical Press.
- Perrin, B. (1926), *Plutarch's Lives*. With English translation. XI. London, Loeb.
- Pouille, B. (1997), "Les poignards de l'année 68-69", *RPh* 71 243-252.
- Raoss, M. (1958), "La rivolta di Vindice ed il successo di Galba", *Epigraphica* 20 46-120.
- Rolfe, J. C. (1913-1914), *Suetonius*, I e II. The Loeb Classical Library (reimpr. de 1979) Cambridge (Mass.), Harvard University Press / London, Heinemann.
- Sancery, J (1983), *Galba. Ou l'armée face au pouvoir*. Paris, Les Belles Lettres.
- Schettino, M. T. (2005), "I Soggetti politici e i conflitti civili del 68/69 d.C. in Plutarco" in De Blois et alii eds, *The statesman in Plutarch's works. Proceedings of the sixth international conference of the international Plutarch society. Vol. II: The statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*. Leiden/ Boston. Brill 351-361.
- Scuderi, R. (1995), "Le Vite Plutarchee di Galba e di Otone: teoria e prassi politica nella successione imperiale", in I. Gallo – B. Scardigli (cura), *Atti del V convegno plutarcheo*. Napoli, M. D'Auria Editore 399-413.
- Stadter, Ph. A. (2005), "Revisiting Plutarch's *Lives of the Caesars*" in A. Pérez Jiménez – F. Titchener, *Studi offerti al professore Italo Gallo dall' The International Plutarch Society*. Málaga-Logan, 419-435.
- Tagliaschi, A. M. (1960), "Plutarco e la tragedia greca", *Dioniso* 34 125-142.
- Venini, P. (1974), "Sulle Vite suetoniane di Galba, Otone e Vitellio", *RIL* 108 991-1014.
- Venini, P. (1977), *C. Suetonio Tranquillo. Vite di Galba, Otone, Vitellio*. Con comm. Torino, Paravia.
- Wellesley, K. (2000), *The year of the four emperors*, with a new introduction by B. Levick. London / New York, Routledge.